

# **BULLYING: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E MUDANÇAS DE HÁBITOS NAS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR**

*Bullying: analysis of behavior and habits changes of children in a school community*

Mariuza Cunha Morais de Oliveira<sup>1</sup>

José Raimundo Silva Costa<sup>2</sup>

Michele Morais Oliveira<sup>3</sup>

## **RESUMO**

O presente estudo aborda casos de *bullying* com crianças e os resultados após a concretização de ações voltadas para redução dessa prática no ambiente escolar. Sendo assim, buscou-se, de forma geral, estudar casos de *bullying* previamente detectados em uma turma que estava no terceiro ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha, na cidade de Ipatinga-MG, e mobilizar toda a comunidade escolar para uma campanha permanente em prol de uma cultura de paz e respeito às diferenças. A abordagem qualitativa foi escolhida como perspectiva metodológica, em razão da natureza do estudo, onde há contato direto do pesquisador com a realidade estudada. Como técnica de coleta de dados utilizaram-se dois questionários com perguntas objetivas e subjetivas. Verificou-se que as crianças pouco tratavam da temática em seu cotidiano, demonstrando a necessidade de se tratar desse assunto com elas, esclarecendo melhor o *bullying*, de forma a chamar a atenção destas para a cessação de comportamentos agressivos entre colegas. As atividades de intervenção foram muito importantes para a mudança de comportamento das crianças quanto à temática, além de ter sido uma interessante forma de aprendizado também em outros conteúdos como Língua Portuguesa e Geografia.

**Palavras-chave:** educação; comportamento; violência.

## **ABSTRACT**

This study deals with cases of bullying on children and the outcomes after the implementation of actions aimed at reducing this practice in the school environment. Therefore, we sought, in general, to study cases of bullying, previously detected in a class that was in the third year of elementary school, at Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha State School, in the city of Ipatinga-MG and mobilize all members of the school community for a continuous campaign to promote

---

<sup>1</sup> Professora na Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha - Ipatinga-MG. Graduada em Normal Superior, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail mariuzacmo@gmail.com

<sup>2</sup> Professor no curso de Pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça - Universidade Federal de Viçosa. Licenciado em História e mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail josersc.2@terra.com.br

<sup>3</sup> Professora do curso de Administração na Universidade Federal de Viçosa. - Campus Rio Paranaíba. Bacharel em Administração e em Economia Doméstica, mestre em Economia Doméstica. E-mail mixmorais@gmail.com

a culture of peace and respect for differences. A qualitative approach was chosen as a methodological perspective, due to the nature of the study, in which there is direct contact between the researcher and the reality studied. Two questionnaires with objective and subjective questions were used as data collection technique. It was found that some children almost did not treat the theme in their daily lives, demonstrating the need to address this issue with them, explaining more about bullying in order to draw their attention to the termination of these aggressive behaviors among colleagues. Intervention activities were very important to change the behavior of children on the theme, besides being an interesting way of learning also when taking other contents as in Portuguese Language and Geography.

**Keywords:** education; behavior; violence.

## Introdução

O presente trabalho se trata de um estudo sobre casos de *bullying* com crianças e a concretização de ações voltadas para redução dessa prática no ambiente escolar.

Numa perspectiva interdisciplinar, partiu-se de um diálogo entre a Educação e a Sociologia, buscando apreender o fenômeno da violência nas escolas. A questão central deste trabalho foi: refletir sobre o *bullying*, elaborar e aplicar atividades de intervenção, envolvendo a comunidade escolar no processo de conscientização quanto às consequências geradas pelas práticas de *bullying*

Sabe-se que a violência tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas, dentro ou fora das escolas. Lopes Neto (2005) trata a violência escolar como *bullying*. Esta é uma palavra de origem inglesa, que é definida pelo autor como maus tratos a outra pessoa, geralmente cometidos por crianças e adolescentes, ou seja, todo o comportamento em que um estudante afirma o seu poder interpessoal por meio da agressão contra outro.

Assim, muitos alunos tornam-se vítimas de situações de humilhação, zombaria, ameaça, intimidação, chantagem, ofensa verbal, perseguição, insulto, olhar ameaçador, ataque físico, comentários, crueldade psicológica, assédio, calúnia, exclusão, discriminação, roubos, etc.

O autor diz ainda que “muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar” (LOPES NETO, 2005, p. 165).

Dessa forma, faz-se necessário investigar e compreender o que está por trás da prática do *bullying*, buscando avaliar suas causas a fim de conscientizar a comunidade escolar e restabelecer o ambiente da escola como lugar de aprendizado e de segurança.

A sociedade contemporânea tem passado por muitos tipos de violência, o que tem sido alvo de preocupação de pais, educadores, médicos, psicólogos e outros profissionais. Segundo o folheto “*Bullying* guia do professor”, há “uma nova prática, que os especialistas chamam de *Bullying*, uma palavra inglesa que quer dizer: atormentar, perseguir, humilhar.”

O folheto afirma que o termo é utilizado para definir maus-tratos entre alunos nas escolas. O *bullying* caracteriza-se por atos intencionais e repetidos de intimidação, humilhação, agressividade verbal e física, provocando situações em que alunos são frequentemente excluídos, ameaçados, insultados ou apelidados de forma pejorativa. Se essas ações acontecerem repetidamente com a mesma pessoa, pode-se considerar que ela está sendo vítima de *bullying*. No Brasil, são ainda recentes os estudos sobre a temática.

Outra forma de *bullying* que tem ocorrido, é o que se chama de *cyberbullying*, a qual diz respeito ao uso das tecnologias de comunicação, internet ou aparelhos celulares, para fins discriminatórios e intimidatórios de um ser social contra outro; o que também pode ocorrer entre os alunos pertencentes a uma mesma escola.

Ao se analisar o comportamento de uma turma de terceiro ano, na sala de aula e em todo o ambiente escolar, constatou-se que havia uma situação onde os alunos estavam sofrendo e praticando agressão física e verbal. Isso estava se tornando cada vez mais corriqueiro e frequente entre os estudantes, sem que estes tivessem consciência da seriedade do problema.

As agressões estavam tornando-se práticas frequentes e, em virtude disso, viu-se a necessidade de desenvolver tal projeto na sala de aula com esses alunos para então envolver as outras duas turmas de terceiro ano, e dentro do possível, envolver toda a escola nas reflexões sobre a temática.

O projeto foi executado na Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha, localizada no bairro Horto em Ipatinga, leste do estado de Minas Gerais. O

bairro é de classe média e a escola possui um ensino muito bom, sendo procurada por pais e alunos da cidade toda. Entende-se que escola é um ponto de referência, um local de as crianças fazerem amigos. Contudo, muitas vezes, não é o que tem ocorrido, pois têm acontecido, com alguma frequência, fatos relacionados a algum tipo de violência entre as crianças.

Sendo assim, problematiza-se: o *bullying* ocorre frequentemente nas escolas, entre crianças e adolescentes, sem que os mesmos tenham noção da violência que tem cometido ou sofrido por meio dessa prática? Por meio de correta intervenção na comunidade escolar será possível transformar essa realidade, alterando valores pessoais e grupais, diminuindo as ocorrências de *bullying* na escola?

Com este estudo, que incorpora atividades de pesquisa e extensão- ou seja, que busca compreender a realidade e intervir com vistas a modificá-la-, espera-se identificar a ocorrência de *bullying* na escola e o que os alunos pensam sobre a temática. Posteriormente, almeja-se que os alunos reconheçam a existência do *bullying* e de suas consequências, e que tomem atitudes contrárias a este, a fim de gerar um ambiente escolar seguro e solidário - capaz de formar cidadãos conscientes do respeito que devem ter para com as pessoas e suas diferenças. Portanto, pretende-se, dessa forma, minimizar o comportamento agressivo entre os alunos, transformando-os para conviverem com respeito e harmonia.

A presente pesquisa teve como objetivo geral estudar casos de *bullying*, previamente detectados em uma turma que está no terceiro ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha, na cidade de Ipatinga-MG e mobilizar toda a comunidade escolar para uma campanha permanente em prol de uma cultura de paz e respeito às diferenças.

De forma específica buscou-se:

- ✓ Verificar o que as crianças entendem por *bullying* e suas consequências;
- ✓ Identificar casos de *bullying* através da aplicação de um questionário e descrevê-los dentro da Escola Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha;
- ✓ Elaborar e aplicar atividades de intervenção, envolver a comunidade escolar no processo de conscientização quanto às consequências geradas pelas práticas de *bullying*;

✓ Implantar regras anti-*bullying* envolvendo alunos, professores, funcionários e pais.

O presente trabalho está organizado em três partes. A primeira delas apresenta os procedimentos metodológicos. A segunda parte constitui-se de uma apresentação dos resultados e suas discussões, subdividindo-se em resultados do diagnóstico inicial, das ações de intervenção e do diagnóstico final. Por último, têm-se as considerações finais.

## **Metodologia**

Optou-se pela abordagem qualitativa como perspectiva metodológica para esta pesquisa em razão da natureza do estudo, onde há contato direto do pesquisador com a realidade estudada. A pesquisa qualitativa oferece condições de mapear e compreender “o mundo” dos pesquisados, buscando apreender narrativas e comportamentos dos sujeitos sociais, através da compreensão de suas crenças, atitudes e valores em um contexto social específico (BAUER; GASKELL, 2002).

Quanto ao surgimento do termo “pesquisa qualitativa”, Uwe Flick (2009, p.16) menciona que este se deu em oposição e como crítica aos métodos científicos chamados de “quantitativos”. Entretanto, o autor diz que, à medida que a pesquisa qualitativa avançou, foi possível perceber que suas características não faziam referência a diferenciações em relação à quantitativa, mas ao fato de aquela ter o texto como material empírico (ao invés de números) e, ainda, de partir da construção social das realidades em estudo, de interessar-se pela perspectiva dos participantes, por suas práticas do dia a dia e por seu conhecimento cotidiano relativo aos objetos de pesquisa.

Nesse contexto, Triviños (1987) afirma que, neste tipo de pesquisa, o pesquisador não fica à margem da realidade que estuda, mas se insere no contexto de estudo. Assim, os fenômenos e os sujeitos não são observados e analisados em situações isoladas, artificiais, mas, na perspectiva de um contexto social dinâmico.

Como técnica de coleta de dados utilizou-se dois questionários, o primeiro com perguntas objetivas e o segundo com perguntas subjetivas. Sendo que um foi aplicado

ao início do projeto e outro ao final, com vistas a identificar os conhecimentos iniciais das crianças sobre *bullying*, e se estes mudaram com o decorrer do projeto.

Para Amaro *et al.* (2010), o questionário é um instrumento de pesquisa que visa obter informações, baseando-se, geralmente, na indagação do grupo em estudo. Para isso, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os pesquisadores. O questionário é extremamente útil quando se pretende recolher informação sobre um determinado tema.

Dentre as atividades de extensão, ou de intervenção na realidade estudada, foram realizadas as seguintes: pesquisa em casa sobre *bullying* pelos alunos com o auxílio dos pais e posterior discussão em sala de aula sobre a temática; confecção de cartazes e murais abordando informações e justificando a importância da mudança de hábitos quanto ao *bullying*; confecção de jornalzinho com informações sobre a temática, produções de texto realizadas pelos alunos a respeito do que estão aprendendo durante os estudos sobre *bullying*, ensaio e realização de peça teatral sobre o assunto com as crianças.

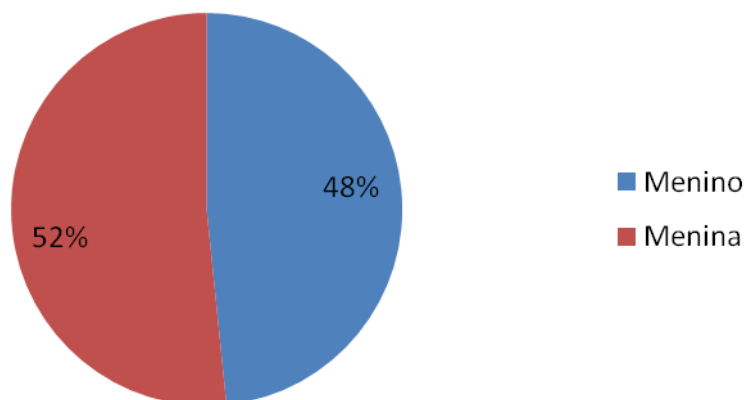
### **Resultados do diagnóstico inicial**

Inicialmente, foi feita uma sondagem, uma conversa informal com os alunos, para saber se eles sabiam o significado ou se já tinham ouvido falar a palavra *bullying*. Identificou-se que muitos não sabiam do que se tratava esta palavra.

No mesmo dia, foi solicitado que fizessem em casa uma pesquisa com o tema “O que é *bullying*”, com o objetivo de aumentar seus conhecimentos sobre a temática. A partir daí, foi aplicado um questionário para diagnosticar a opinião das crianças sobre o assunto e acerca dos casos de *bullying* na escola. Posteriormente, foi confeccionado, com os resultados das pesquisas das crianças, um mural no pátio da escola, para divulgação dos resultados aos próprios alunos e à toda a comunidade escolar.

A primeira pergunta indagava sobre o sexo dos participantes da pesquisa.

Gráfico 1 – Sexo dos participantes

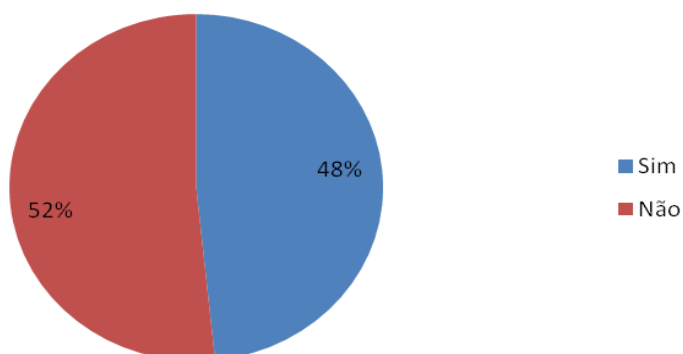


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Pode-se notar, pelos resultados da pesquisa, que na turma trabalhada, estuda um número maior de meninas do que meninos. Nesse contexto, pode-se inferir a afirmação de Almeida *et al.* (2008), de que, quanto ao *bullying*, os ataques diretos são práticas quatro vezes mais utilizados pelos meninos. Isso pode ocorrer, até mesmo, devido ao tipo de brincadeiras de meninos, que envolvem lulinhas com simulação de chutes e socos, e que pode ocasionar, se houver algumas desavença entre eles, ataques de verdade, ou seja, agressões físicas. Assim entende-se que as ações dos meninos são mais expansivas e agressivas, e deste modo, mais identificáveis.

O gráfico que se segue se refere às respostas da pergunta “você já sofreu algum tipo de agressão física?”

Gráfico 2 – Prática de agressões físicas

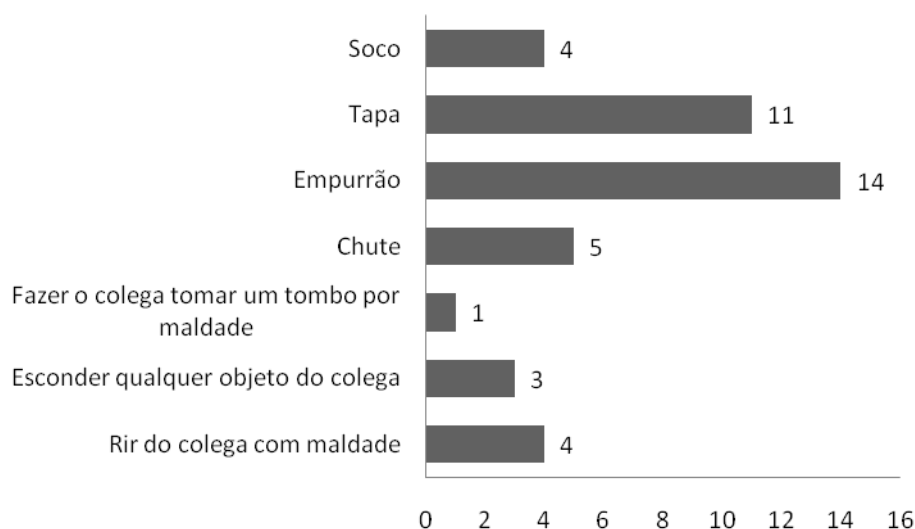


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Os dados demonstram um número significativo de agressões praticadas pelas crianças e a necessidade de conscientizar os alunos, com objetivo de minimizar a incidência do problema e as futuras consequências. Quase metade destas crianças já praticaram agressões físicas, demonstrando a frequência de atos violentos entre elas. Davoli *et al.* (1994) afirmam que a agressão física contra a criança é, no Brasil, dentre os vários tipos de violência, uma das que mais chama a atenção, pela gravidade das consequências e por sua tácita aceitação e impunidade. Gil (1986) afirma que todo e qualquer emprego de força física intencional é um comportamento abusivo.

O gráfico que se segue trata das respostas sobre os tipos de agressões físicas mais praticadas.

Gráfico 3 - Tipos de agressões físicas mais praticadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

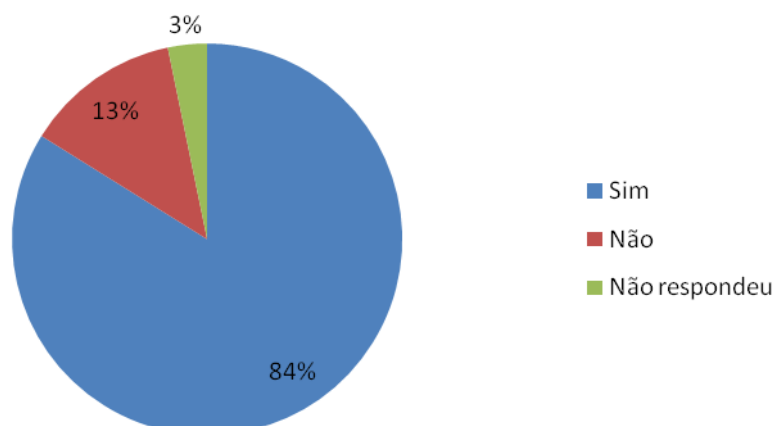
Nesse contexto, nota-se que ocorre *bullying* entre o grupo de crianças participantes da pesquisa e que as agressões físicas que elas praticam são bem violentas, predominando tapas e empurrões.

Almeida *et al.* (2008) afirmam que ações como as demonstradas no gráfico são evidências da ocorrência de *bullying* no ambiente escolar.

Foi questionado também às crianças se estas já haviam sofrido violência física.



Gráfico 4 – Sofrimento de agressão física.



Fonte: Dados pesquisa, 2011.

Como se vê, do total de participantes, a maioria já passou por alguma violência física. De acordo com Almeida *et al.* (2008), os pais e professores demoram a perceber a ocorrência de *bullying*, em razão das vítimas não se defenderem e não falarem sobre o assunto, principalmente, perto de um adulto.

Em seguida, estava a pergunta “qual tipo de agressão física você já sofreu?” As respostas estão demonstradas no gráfico que se segue.

Gráfico 5 – tipos de agressões físicas sofridas pelas crianças.



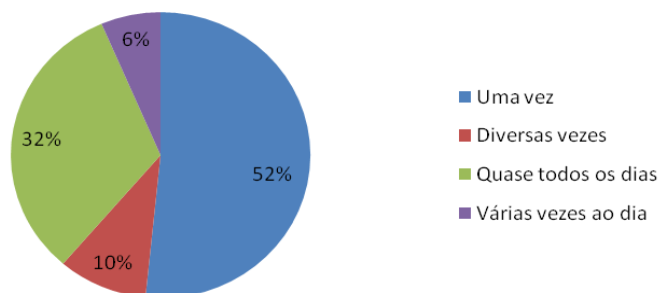
Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Identificou-se por meio dessas respostas que alguns tipos de agressões acontecem com mais intensidade, coincidindo muito com as agressões que as crianças afirmaram praticar, e predominando também o chute.

Setser (2011) observou em seus estudos, que os programas de televisão e de videogames violentos têm grande influência na agressividade de crianças, pois são inúmeras as ações agressivas que são transmitidas diariamente. Sendo assim, os pais precisam estar mais atentos ao que os seus filhos têm assistido na televisão e aos jogos que têm utilizado para brincar.

Quando questionadas sobre o número de vezes que receberam os tipos de agressão da pergunta anterior, evidenciou-se as seguintes respostas:

Gráfico 6 – Frequência de sofrimento das agressões.

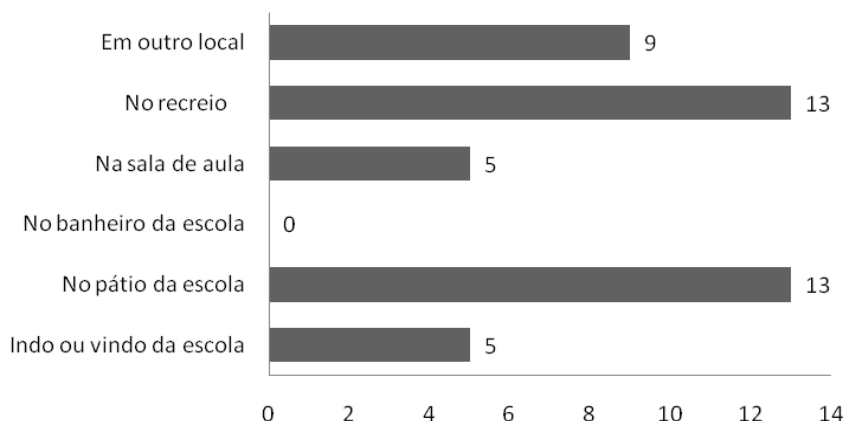


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A pergunta seguinte tratava do local onde ocorreu a agressão física. As respostas são demonstradas no gráfico 7.

Por meio da análise das respostas, pôde-se constatar uma triste realidade, a de que as crianças tem sofrido a maior parte das agressões dentro da própria escola. Isso demonstra a necessidade de professores e funcionários da escola estarem mais atentos com as brincadeiras das crianças e chamar a atenção quando necessário.

Gráfico 7 – Local de ocorrência das agressões físicas.

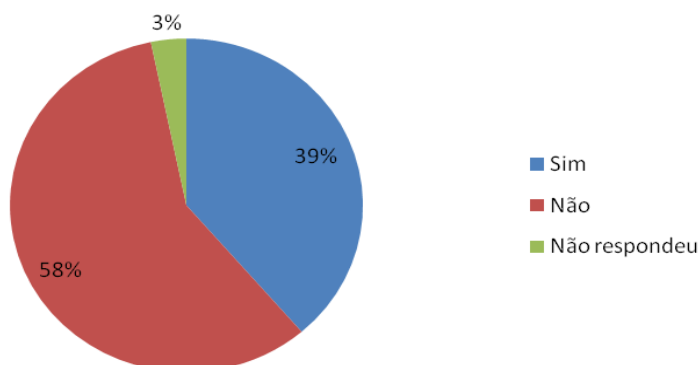


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Por meio da análise das respostas, pôde-se constatar uma triste realidade, a de que as crianças tem sofrido a maior parte das agressões dentro da própria escola. Isso demonstra a necessidade de professores e funcionários da escola estarem mais atentos com as brincadeiras das crianças e chamar a atenção quando necessário.

Foi perguntado em seguida se as crianças solicitaram ajuda de um adulto quando sofreram agressão física. Os dados mostram que a maioria delas não pediu ajuda, o que em muito contribui para que professores e funcionários não fiquem sabendo desses fatos.

Gráfico 8 – Pedido de ajuda das crianças aos adultos quando sofreram agressão física.

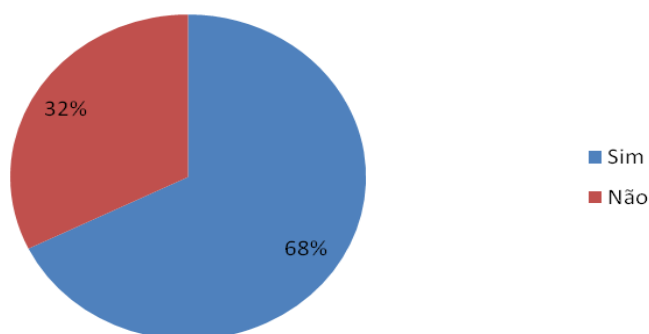


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Segundo Almeida *et al.* (2008) “a revelação pela criança quanto à ocorrência de maus tratos é raro por ter vergonha e medo de represália”. Sendo assim, pode-se inferir que elas não pedem ajuda de adultos por temerem correções e castigos.

Foi perguntado também às crianças se elas já sofreram agressões verbais.

Gráfico 9 – Sofrimento de agressões verbais



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Sobre isso, as respostas das crianças mostraram ser a agressão verbal uma ação ocorrida na vida da maioria dos alunos e que estes têm consciência do que vem a ser esse tipo de agressão em seu cotidiano.

Acerca dos tipos de agressão verbal, os apelidos e os palavrões foram os mais apontados pelas crianças como agressões verbais sofridas, como está ilustrado no gráfico que se segue.

Gráfico 10 – Agressões verbais sofridas pelas crianças.

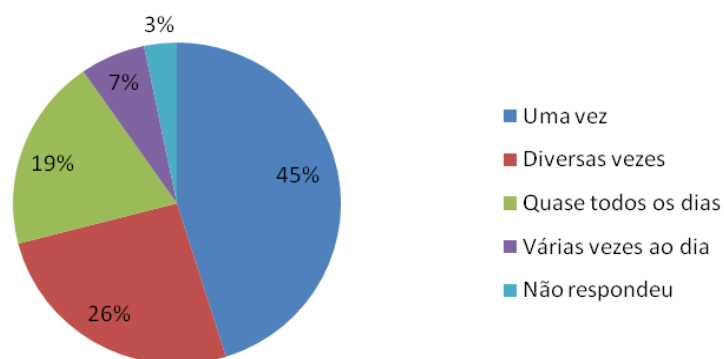


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Segundo Luz (2010), o *bullying* é também uma forma de agressão verbal e sistemática à criança, quando são colocados apelidos que a incomodam, pejorativos, nomeando-a por algo que ela não gosta.

Sobre o número de vezes em que as crianças sofreram agressão verbal, segue-se o gráfico com resultados.

Gráfico 11 – Frequência do sofrimento de agressão verbal.

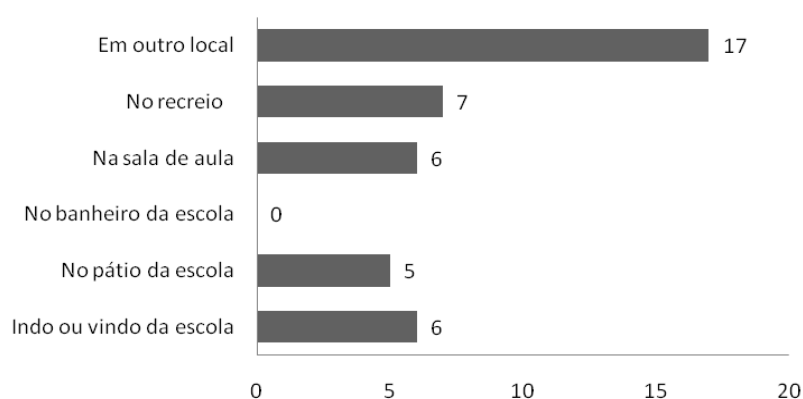


Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Infelizmente, constatou-se que esse tipo de agressão é bem frequente no cotidiano das crianças, pois muitas delas afirmaram sofrê-las “diversas vezes” e algumas, “quase todos os dias”.

A agressão verbal ocorre com frequência no cotidiano escolar das crianças, mas, segundo elas, esse fato acontece muito fora da escola também. Supõe-se que ocorre até em brincadeiras com outras crianças ou até mesmo vindos de adultos.

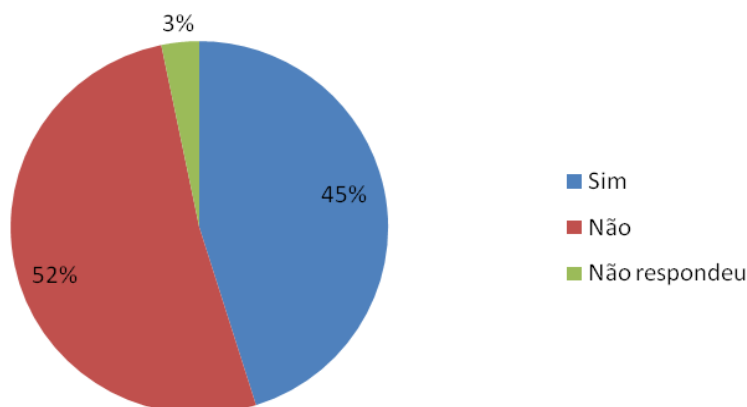
Gráfico 12 – Local de ocorrência da agressão verbal



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Os dados demonstraram que, quanto a esse tipo de agressão, as crianças também não pedem a ajuda de adultos, como pode ser evidenciado no gráfico que se segue.

Gráfico 13 – Pedido de ajuda quando sofreu agressão verbal



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

### As ações de intervenção

As ações de intervenção também foram realizadas com os alunos do terceiro ano na Escola Estadual Engenheiro Márcio Aguiar da Cunha. A primeira atividade buscou identificar se eles sabiam o que é *bullying*.

Foi solicitada a eles uma pesquisa, realizada em casa, e a partir daí realizou-se um debate coletivo em sala de aula sobre o assunto. Confeccionou-se um mural que ficou exposto no pátio da escola, para que os demais alunos pudessem ler sobre o assunto pesquisado, e outro com gráficos dos resultados do questionário feito com as crianças. Posteriormente, os dados foram discutidos também com os alunos e com toda a comunidade escolar.

Desenvolveram-se atividades com os alunos para levá-los a conhecer sobre as práticas de *bullying* e os seus malefícios, através de gêneros textuais informativos, tais como: reportagem “O que é *bullying*? “E onde o *bullying* ocorre”? “Brincadeira sem graça”, “Todos sangramos vermelho”; tirinha; história de revista em quadrinhos com o título “Quebrando o silêncio”, com atividades inseridas como carta enigmática, caça-palavras; diagrama e panfleto com informação; filmes (como Avatar, que serve de

exemplo para análise da atitude do sargento – um dos personagens - quanto ao outro povo que não tem aparência humana) e pequenos vídeos (*You Tube*). Houve também a confecção de folhetos informativos, de cartazes e produção de textos pelos alunos. Estes ensaiaram e apresentaram para todos os alunos da escola um teatro sobre a temática (teatro adaptação, “A história de uma flor”, *You Tube*).

Simultaneamente, promoveu-se um festival da arte, no qual os alunos apresentaram, segundo seus gostos e preferências, obras artesanais sobre as práticas de *bullying*.

Foi trabalhado o gênero textual revista em quadrinhos. Após a leitura e discussão, os alunos realizaram algumas atividades da revista: carta enigmática, caça-palavras, diagrama e por último, colocar vogais entre consoantes, formando palavras anti-*bullying*.

Trabalhou-se com o panfleto informativo "Bullying': O que é? Como acontece? Com quem acontece? Onde é mais comum? Conseqüências e soluções". Além de tratar a temática com as crianças, lembrou-se com elas o gênero “panfleto”, já trabalhado anteriormente em outras aulas.

### **Resultados do diagnóstico pós-projeto de intervenção**

Ao final, foi aplicado o segundo questionário com questões abertas para saber o que os alunos acharam do projeto e verificar se houve mudanças de comportamento por parte deles.

As perguntas foram as seguintes: o que você achou sobre o projeto que realizamos sobre *bullying*? Por quê? O que mudou em sua vida após a realização do projeto “*Bullying*”?

Seguem-se abaixo algumas das respostas dos alunos para as questões contidas no questionário:

“Achei muito legal, nós aprendemos que devemos respeitar as pessoas assim como elas são” (Menina, 8 anos).

“Eu achei muito legal, porque aprendi que não podemos maltratar os outros, nem de uma forma e nem de outra porque isso magoa a pessoa que foi maltratada” (Menina, 8 anos).

“A minha vida mudou porque eu não sabia o que era *bullying* e aprendendo isso, eu não fiz mais *bullying*” (Menino, 8 anos).

“Mudou muita coisa, os meninos que me chamavam de cavalo só porque meu sobrenome é Carvalho, agora eles não me chamam desse nome” (Menina, 8 anos).

“Mudou tudo, ninguém me chama de veado nem de boiola” (Menino, 8 anos).

“Agora não estão me chamando de tampinha, dentuça e pequenininha, tudo mudou” (Menina, 8 anos).

“Eu praticava *bullying* e achava legal, agora eu aprendi que *bullying* não é certo, eu parei de praticar” (Menino, 8 anos).

Ao analisar estas respostas, pôde-se verificar que as crianças gostaram do projeto e reconhecem sua importância como meio de aprendizado e, até mesmo, de mudanças de comportamento por parte delas e por parte de seus colegas. Sendo assim, confirma-se a hipótese de que era mesmo necessário tratar a temática no ambiente escolar para que as crianças fossem informadas sobre o assunto e despertadas a mudanças de hábitos quanto a isso em suas relações com os colegas.

Pelas respostas da maioria das crianças da turma, o relacionamento entre colegas está mais harmonioso, com menos chacotas, apelidos e brincadeiras de mau gosto. Isso mostra que trabalhar contra a violência escolar é extremamente importante para formação social dos alunos, para que estas crianças aprendam que devem respeitar as pessoas como elas são.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa revelou a ocorrência de atos de violência entre os alunos e a necessidade de combatê-los de forma interativa e descontraída, com vistas a mudanças de hábitos por parte destas crianças em suas relações com seus colegas.

Além disso, verificou-se que as crianças pouco tratavam da temática em seu cotidiano, demonstrando a necessidade de abordar esse assunto com elas, esclarecendo melhor sobre o *bullying*, de forma a chamar a atenção destas para a cessação de comportamentos agressivos entre colegas.

As atividades de intervenção foram muito importantes para a mudança de comportamento das crianças quanto à temática, além de ter sido uma interessante



forma de aprendizado de outros conteúdos como Língua Portuguesa, Geografia, dentre outros. As ações possibilitaram também um despertar dos próprios gestores da escola sobre o tema, que solicitaram a efetivação do projeto com todas as turmas de séries iniciais do ensino fundamental da escola no ano seguinte.

Sendo assim, cabe dizer que o ambiente escolar é um dos principais locais onde o *bullying* acontece e, sabendo-se que este é um fato que ocorre cada vez mais, o professor, juntamente com toda a escola, tem a função essencial na prevenção e intervenção no combate ao *bullying*. É necessário que seja um trabalho contínuo, um enfrentamento para busca de soluções.

### Referências

ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. J. Por que ocorrem os maus tratos entre iguais? Explicações causais de adolescentes portugueses e brasileiros. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.

ALMEIDA, K. L. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Revista de pediatria*: Disponível em: <<http://www.msebrasil.org/upload/arquivos/bullying.pdf>>.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

BARROS, M. D. *Educação infantil*: o que diz a legislação. Disponível em: <[www.lfg.com.br/artigo/20081110114751289\\_blog-do-prof-miguel-daladier-barros-\\_artigos-educacao-infantil-o-que-diz-a-legislacao.html](http://www.lfg.com.br/artigo/20081110114751289_blog-do-prof-miguel-daladier-barros-_artigos-educacao-infantil-o-que-diz-a-legislacao.html)>. Acesso em: 10/10/2011.

BRUINI, C. E. *Educação no Brasil*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-brasil.htm>>. Acesso em: 20/10/2011.

CHESNAIS, J. C. A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção. *Ciências e Saúde Coletiva* [online]. v. 4, n. 1, p. 53-69, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231999000100005>>. Acesso em: 10/10/2011.

CHIZZOTTI, A. A. pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf>>. Acesso em: 07/11/2011.

DAVOLI, A.; PALHARES, F. A. B.; CORRÊA-FILHO, H. R.; DIAS, A. L. V.; ANTUNES, A. B.; SERPA, J. F.; SCHINCARIOL, P. Prevalência de violência física relatada contra crianças em uma população de ambulatório pediátrico. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 92-98, jan./mar. 1994.

DIAS, I. *Exclusão social e violência doméstica*: que relação? Disponível em: <<http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1457.pdf>>. Acesso em: 07/04/2008.

OLIVEIRA, Mariuza C. M.; COSTA, José R. S.; OLIVEIRA, Michele M. Bullying: análise do comportamento e mudanças de hábitos nas relações entre crianças em uma comunidade escolar. *Extensão em Foco*, Curitiba: Editora da UFPR, nr.10, jul/dez 2014, p.18-36. ISSN 2358-7180.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas, S.P: Verus, 2005.

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 164p.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 63-87.

GIL, D. G. *Violence against children – Physical Abuse in the United States*. 8. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

GUIA DO PROFESSOR. *Bullying*: folheto. Disponível em: <[www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br)> e <[www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br)>. Acesso em: 10/10/2011.

LOPES, J. R. Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. *Psicologia e Sociedade*, v. 18, n. 2, p. 13-24, maio/ago. 2006.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 01/08/2011.

LUZ, D. *Jornal de Debates. Violência na Turma da Mônica*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/violencia-na-turma-da-monica>>. Acesso em:

MACEDO, A. C.; PAIM, J. S.; SILVA, L. M. V.; COSTA, M. C. N. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 6, dez. 2001.

MARTINS, M. J. D. Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005.

MASCARENHAS, S. Gestão do *bullying* e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 7, n. 1, p. 95-107, 2006.

OLWEUS, D. *Bully/victim problems among schoolchildren: Basic factors and effects of a school-based intervention program*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.

PIZARRO, H. C.; JIMÉNEZ, M. I. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Revista Educación*, v. 31, n. 1, p. 135-144, 2007.

RAMÍREZ, F. C. Variables de personalidade associadas em la dinámica *bullying* (agresores versus vítimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, v. 17, n. 1, p. 37-43, 2001.

SAMPAIO, C. M.; DUARTE, F. L.; SILVA, V. A. *O lúdico nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. Disponível em: <<http://knol.google.com/k/ol%C3%BAdico-nas-s%C3%A9ries-iniciais-do-ensino-fundamental#>>. Acesso em: 20/10/2011.

SANTOS, L. P. R. *O papel do professor diante do bullying na sala de aula*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007. 56 p. (Monografia).

SETSER, V. W. *Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos*. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>>. Acesso em: 10/10/2011.

OLIVEIRA, Mariuza C. M.; COSTA, José R. S.; OLIVEIRA, Michele M. Bullying: análise do comportamento e mudanças de hábitos nas relações entre crianças em uma comunidade escolar. *Extensão em Foco*, Curitiba: Editora da UFPR, nr.10, jul/dez 2014, p.18-36. ISSN 2358-7180.

TIBA, I. *A educação por Içami Tiba: falta cidadania familiar*. Disponível em: <<http://estrategiaempresarial.wordpress.com/2008/04/16/a-educacao-por-icami-tiba-diz-falta-cidadania-familiar/>>. Acesso em: 10/10/2011.

**OLIVEIRA, Mariuza C. M.; COSTA, José R. S.; OLIVEIRA, Michele M. Bullying: análise do comportamento e mudanças de hábitos nas relações entre crianças em uma comunidade escolar. *Extensão em Foco*, Curitiba: Editora da UFPR, nr.10, jul/dez 2014, p.18-36. ISSN 2358-7180.**